

Capítulo XXIV - ENFIM, UMA BOA NOTÍCIA

No meio de tantas frustrações que estavam se acumulando naquela noite, visualizar o Bateau Mouche ainda flutuando foi uma lufada de esperança para que o resgate tivesse o seu final revestido de sucesso. Caso a indicação de rumo para o barco não aparecesse na claridade provocada pelos fogos, as alternativas a respeito do que fazer, em seguida, eram extremamente desgastantes, pois eu não teria onde deixar a dupla de naufragos em condições mínimas de segurança na água: ou teria que estender o trajeto até a praia Vermelha ou aguardar, ali no mar, dependendo da capacidade de flutuação do cadáver, até a chegada de um barco para concluir o salvamento. Nenhuma dessas hipóteses me deixava tranquilo.

Mas, não foi somente o casco do Bateau Mouche que a luz emitida pelos fogos de artifício desvendou no meio da penumbra. Enquanto eu nadava, pude perceber que um barco bem iluminado se aproximava pelo nosso lado direito. Ainda não era possível elaborar uma conclusão sobre o tamanho da embarcação, mas não deixava de ser uma renovação de fé que um socorro dedicado às vítimas estivesse chegando.

Eu estava muito focado nos meus movimentos dentro d'água e não me entusiasmei com a primeira visão do barco, pois queria proteger a minha motivação contra uma nova frustração, caso o comandante do barco adotasse o mesmo comportamento sórdido do responsável pelo outro iate que, pouco antes, se aproximara dos naufragos e decidira negar socorro, alterando a sua trajetória em direção a Copacabana.

Com o aumento da luminosidade trazida pela intensidade da queima dos fogos de artifício, a trajetória do barco que se aproximava ficou bem delineada e eu passei a acreditar que o comandante lançaria âncoras para prestar a tão esperada ajuda aos naufragos. Detendo-me um pouco mais na imagem da embarcação, pude constatar que se tratava de um iate de grandes dimensões.

Capítulo XXIV - ENFIM, UMA BOA NOTÍCIA

A combinação do fato de eu ter visualizado o casco do Bateau, com a certeza, agora quase que absoluta, de que o iate estava chegando para acudir os sobreviventes, contribuiu para que o meu empenho se revigorasse. Decidi, então, manter um ritmo mais acelerado das minhas braçadas para alcançar em prazo mais curto o casco do Bateau Mouche.

Algo estranho, contudo, estava acontecendo, porque passei a ter a sensação que o ritmo de progresso do nosso deslocamento na água havia se reduzido. De imediato, eu atribuí essa perda de eficiência ao efeito da correnteza marítima que passara a agir de forma mais intensa e contrária ao nosso movimento. Raciocinando desta maneira, eu descartava a possível influência da minha justificável ansiedade em encerrar o resgate, colocando em xeque a velocidade com que o nosso trio de náufragos se direcionava para o Bateau.

O meu trajeto continuava a ser definido pela claridade dos fogos que apontava com precisão o local onde o casco permanecia. Eu mentalizei que haveria necessidade de superar o cansaço para encerrar o resgate e esse novo reforço no meu estado de determinação incentivou-me a falar para a mulher – que pela posição de salvamento que eu definira, não conseguia visualizar o que surgia à nossa frente – que nós chegaríamos em poucos minutos ao Bateau Mouche.

Ao me aproximar do barco, pude notar que as pessoas permaneciam deitadas no casco, indicando que, infelizmente, nenhum outro tipo de socorro ocorreu na área do naufrágio. Porém, o número de sobreviventes parecia ter aumentado em relação ao que eu havia constatado quando procurei Ana entre eles, antes de me dirigir à mulher que gritara pedindo ajuda. Por um momento, desejei que aqueles novos personagens no casco salvador fossem náufragos que auxiliiei no início da tragédia, entregando-lhes material flutuante, como mesas e cadeiras de madeira.

De repente, para a minha surpresa, a mulher, contrariando todo o espírito colaborativo que vinha apresentando durante o resgate, esboçou um movimento mais contundente de rotação do seu corpo, como desejasse avaliar com os próprios olhos o quão próximo estávamos do barco.

Capítulo XXIV - ENFIM, UMA BOA NOTÍCIA

Imediatamente, percebi a razão pela qual a mulher havia alterado o seu comportamento controlado: durante o breve silêncio que se formava entre uma explosão e outra dos fogos em Copacabana, já podiam ser absorvidos pelos nossos ouvidos, murmúrios e lamentações emitidos pelas pessoas que estavam no casco. Pedi, quase em tom de ordem, para que ela mantivesse a posição de salvamento, no que fui atendido, embora ela precisasse de alguns segundos para reacomodar o cadáver ao seu lado.

Finalmente, conseguimos chegar ao casco do Bateau Mouche, depois de uma extensa e extenuante jornada. A próxima etapa era encontrar uma maneira de deixar a mulher agarrada ao barco em segurança, pois o iate que se aproximara pela nossa direita, estava finalizando a sua manobra para prestar socorro.

Em uma primeira análise da superfície do casco que permanecia fora d'água e da placa a ele soldada para formar as laterais do barco, não encontrei nenhuma reentrância que pudesse servir de empunhadura para a náufraga. Nesse processo de avaliação dos contornos lisos do fundo do Bateau, preocupei-me, mais uma vez, em tentar localizar Ana, com seu vestido azul, entre os sobreviventes que estavam prostrados no casco e o resultado negativo foi mais uma frustração.

Eu já tinha observado que a traineira, à nossa esquerda, ainda apresentava dificuldades para iniciar a sua viagem de volta à terra firme. Criava-se, com esse prolongado impasse, mais uma oportunidade para que eu, mesmo muito cansado, tentasse alcançar o barco e gritar por Ana na expectativa de que fosse ouvido. Mas, antes de recomençar a nadar, eu precisava deixar a mulher em condições razoáveis de segurança, com uma das mãos segurando o barco, pois a outra permanecia agarrada ao cadáver.

Mais uma vez, foi a claridade dos fogos que me permitiu encontrar o que deveria ser a única solução para o impasse. Pude constatar que a estrutura plana do fundo do barco apresentava uma lâmina de aço com aproximadamente 10 cm de altura e 3 cm de espessura, fixada de forma perpendicular à chapa do casco, parecendo estender-se ao longo de todo o seu perímetro. Provavelmente essa lâmina deveria servir como calço para o Bateau quando estivesse fora d'água, protegendo a integridade do fundo do barco ao evitar que ele sofresse com o atrito provocado pelo piso.

Capítulo XXIV - ENFIM, UMA BOA NOTÍCIA

Pedi para a mulher segurar com firmeza a lâmina, sem soltá-la em nenhuma hipótese, e, apontando para o iate que já estava imóvel a umas poucas dezenas de metros, afirmei que o resgate iria acontecer. Em seguida, disse a ela que iria tentar encontrar a minha namorada na traineira.

Iniciei, então o meu nado em direção à embarcação sem, contudo, passar pela minha mente que não havia criado, novamente, uma oportunidade para perguntar o nome da mulher.

Eu não tinha nadado ainda os primeiros 10 metros, quando uma nova surpresa aconteceu, fazendo com que eu interrompesse bruscamente o meu movimento.

